

As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil,
de Diogo da Silva Roiz e Jonas Rafael dos Santos

Jundiaí: Paco Editorial, 2012

Simone Tonoli Oliveira
 Faculdade de Amambai - FIAMA.
 Mestre em Educação pela PUC/PR
simoneediogo@hotmail.com

O movimento dos *Annales* e a historiografia brasileira

Muitos trabalhos têm procurado investigar a formação e o desenvolvimento do movimento dos *Annales* na França, mas poucos trabalhos têm se detido nas condições em que o movimento foi lido e apreendido no Brasil.

Essa foi uma das razões que motivaram Diogo Roiz e Jonas dos Santos a empreenderem uma análise pormenorizada do movimento, desde seu surgimento na França em meados dos anos de 1920, até sua sutil inserção nos cursos de geografia e história de São Paulo e do Rio de Janeiro, criados nos anos de 1930, para enfim virem a se tornar hegemônicos na historiografia brasileira a partir dos anos de 1980. Essa é a história que os autores procuram nos contar. O texto está dividido em sete capítulos e conta ainda com uma rica entrevista em seu apêndice, que exemplifica como os autores procederam em suas entrevistas para realizarem o trabalho. O livro conta ainda com os textos de Helenice Rodrigues da Silva, Karina Anhezini e José d'Assunção Barros, que introduzem ao leitor os principais pontos da obra.

Após serem demarcados esses pontos nesses textos introdutórios, os autores do livro mostram as razões que os levaram a executar esse trabalho na Introdução. Nela demonstram a riqueza do tema, a enorme quantidade de estudos sobre o surgimento e o desenvolvimento do movimento dos

Annales, em comparação com a grande escassez de estudos no Brasil, averiguando como o movimento foi introduzido na historiografia brasileira. Mas, antes de chegarem a esse ponto, os autores fazem todo um rico percurso por entre o movimento dos *Annales*.

No primeiro capítulo, questionam justamente as razões que levaram os membros do grupo dos *Annales* a subdividirem o movimento em gerações, e ligados ao redor de uma escola historiográfica. Aqui os autores nos apresentam as tensões entre definir o grupo como um “movimento” ou uma “escola”, inclusive no interior do grupo. Para isso, eles exploram tanto os editoriais da revista *Annales* quanto as obras dos membros do grupo, em suas diferentes fases, até a produção historiográfica feita dentro e fora da França.

No segundo capítulo, avançam na problemática ao empreenderem uma análise pormenorizada da trajetória de Fernand Braudel, inquirindo como esse autor procurou definir uma “história total”. Além de mostrarem que neste período teria sido definida uma possível escola, em função da centralização das ações do grupo, de sua revista e instituições, que então era feita por Braudel, estes ainda demarcam quais as relações que este autor manteve com o Brasil, quando esteve lecionando na Universidade de São Paulo nos anos de 1930.

No terceiro capítulo, eles mostram como a herança deixada por Braudel foi fragmentada nos anos de 1960, em razão da direção colegiada que o grupo e o próprio movimento dos *Annales* passou a ter, e acompanham as discussões sobre as insuficiências teóricas da “história das mentalidades” e as alternativas postas em prática pela “nova história cultural” entre os anos de 1970 e 1980. Ao rastreamos essas discussões os autores mostram um pouco a complexidade do grupo, e que apesar da tese de François Dosse sobre o estilhaçamento dos campos da pesquisa histórica, a produção de uma “história em migalhas” a partir dos anos de 1970, ser coerente e útil para entender o movimento, esta é insuficiente para historiar e mapear os campos e as discussões historiográficas do período. Primeiro, porque a ideia de uma história em migalhas não era aceita nem mesmo no interior do movimento dos *Annales*, nem tampouco na historiografia internacional; depois, porque se houve fragmentação esta esteve ligada a um amplo movimento que não esteve limitado aos estudos históricos, mas percorreu as ciências humanas como um todo, ao serem definidos cam-

pos de pesquisa cada vez mais especializados. Essa é uma das razões que levaram autores como Edgar Morin, em seus volumes sobre *O método*, a questionarem este estado das ciências, e fortemente lutar por uma “religação dos saberes”, pela “constituição de um conhecimento complexo” (por ser multi e interdisciplinar) e defender a necessidade de uma cultura geral, como uma alternativa necessária ao processo de imensa especialização dos campos do saber.

Com esses problemas em pauta, os autores procuraram situar no quarto capítulo como os *Annales* foram lidos e recebidos dentro e fora da França, a partir dos anos de 1960, quando novas orientações e direções foram dadas ao movimento. Depois de mapearem esses pontos, os autores mostram no quinto capítulo como os *Annales* começaram a ser recebidos no Brasil, tendo por base o curso de geografia e história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Nesse capítulo mostram como foram se alterando os docentes das cadeiras, como se definiam as disciplinas do curso e quais mudanças curriculares foram ocorrendo entre os anos de 1930 e 1950, momento em que o curso de geografia e história funcionavam juntos. Esses viriam a se tornar cursos independentes a partir dos anos de 1950.

O sexto e o sétimo capítulo, neste aspecto, representam o coração do trabalho dos autores. No sexto capítulo indicam hipóteses instigantes de como o movimento teria se inserido no Brasil, tendo em vista a criação dos cursos de geografia e história a partir dos anos de 1930, de revistas especializadas a partir dos anos de 1950 e da circulação do saber nos congressos científicos dos anos de 1980 e 1990. Ao pontuarem essas questões, os autores identificam temáticas trabalhadas e mostram a importância dos autores franceses para o desenvolvimento da historiografia profissional no país, a partir dos anos de 1970, quando começava a se expandir a pós-graduação no país.

No sétimo capítulo, que é uma investigação inédita, como lembra José d’Assunção Barros no prefácio do livro, e que o leitor será surpreendido pela qualidade da investigação, conforme expressa Karina Anhezini no Posfácio, os autores fazem um levantamento minucioso em torno de um departamento de história. O objetivo foi justamente identificar como um departamento, que teve seus docentes fortemente marcados pelo(s) marxismo(s) em sua formação acadêmica, apreenderam a nova história

cultural a partir dos anos de 1990. Para demonstrarem isso, os autores incidem tanto sobre a formação desses docentes, como cada um deles ingressou no departamento de história da Unesp, Campus de Franca, situando, além disso, tanto a história do curso quanto de seu programa de pós-graduação. Na sequência, fazem uma análise minuciosa sobre as leituras e apropriações que cada um dos quinze docentes analisados fizeram da “nova história cultural”, em função de suas formações terem sido marcadas amplamente pelo(s) marxismo(s).

Como vimos, o livro é o resultado de um trabalho de fôlego, levado a cabo pelos autores, e que com certeza estará enriquecendo esse campo de pesquisa, e, quem sabe, congregando os pesquisadores para que venham a promover novos estudos sobre as *leituras e apropriações que foram feitas do movimento dos Annales* em outras regiões do país, para termos um verdadeiro painel de como esse movimento se introduziu no Brasil, e as razões que levaram à sua hegemonia nos anos de 1980 e 1990. Portanto, além da riqueza do trabalho ser expressa numa pesquisa minuciosa, o estudo encerra com o otimismo de que novos empreendimentos sejam feitos.